



APRESENTAÇÃO

Ventos insurgentes na educação, inquietações e resistências

Edinéia Tavares Lopes¹

Lívia Jéssica Messias de Almeida²

Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os [seres humanos] fazem no mundo, com o mundo e com os[as] outros[as]. (Freire, 2013 - com adaptações).³

O Gepiadde traz a público o volume 32, número 1, da **Revista Fórum Identidades**, referente ao segundo semestre de 2020, jul-dez. Esta edição é composta por volume temático que valoriza as fronteiras entre **Desigualdades, identidades, epistemologias e práticas educacionais**, com destaque para as pesquisas sobre as desigualdades epistemológicas nas práticas educacionais.

A partir da metade do século XX vivenciamos significativos e intensos movimentos de transformação diante das lutas por justiça cultural, simbólica, econômica e social, que questionam os parâmetros universalistas de fundamentação das políticas na sociedade contemporânea. Essas transformações foram extensivas e, também, co-produzidas nas beiradas das cartografias educacionais, em seus mais variados espaços e tempos, revelando-as como lugares da *inquietação* da *invenção* e da *reinvenção*, exigente de outros modos de atuação que dialoguem de forma plural e diversa com a presença de outros/as sujeitos/as. Nesse sentido, centralizar coletividades que outrora tinham as suas existências invisibilizadas/silenciadas torna-se crucial frente a projetos conservadores que se movem a passos largos na definição de padrões globalizantes de ser, viver e pensar.

¹ Profa. Dra. Edinéia Tavares Lopes (Universidade Federal de Sergipe – UFS e membro da Coordenação Editorial da Revista Fórum Identidades). Membro do GEPIADDE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3842-2092>. E-mail: edineia.ufs@gmail.com.

² Profa. Dra. Lívia Jéssica Messias de Almeida. Profa. Do departamento de Educação da UFS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2307-1763>. E-mail: livia.ljma@gmail.com.

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Oprimido*. 49 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Nessa compreensão, os *ventos insurgentes* tensionam a padronização do pensamento educacional colocando na berlinda os contextos e as relações opressoras de saber/poder que compõem os campos da vida social, com o intuito de ressignificar as lentes de leitura da realidade, bem como apropriar-se de modos diferenciados de construí-la. Esses (re)pensares de dimensões políticas, sociais e culturais rechaçam a neutralidade da ciência e anunciam debates que transpassam fronteiras nas produções acadêmicas, para a constituição de outros sentidos e significados científicos na afirmação dos campos do conhecimento. As pesquisas, por natureza, deveriam expressar alicerces políticos e ideológicos enraizados no compromisso com a formação humana para difusão de ideias e valores que afirmem a democracia e a justiça – entendendo-as além de moldes representativos ou jurídicos –, incorporando uma noção ético-político de organicidade coletiva no desenvolvimento da práxis revolucionária.

Essas concepções contribuem para configurar bases de reflexivas de ação que interrogam, e, ao mesmo tempo, produzem modos de resistência às estratégias de (re)produção das desigualdades de classe, raça, gênero, etnia, orientação sexual, entre outras. Numa compreensão que tenta desnudar a complexidade dos movimentos da sociedade contemporânea e seus meandros políticos de produção reiterada das desigualdades que, consequentemente, marginaliza de diversas formas coletivos e grupos sociais diferentes. Por isso, cabe-nos tratar, que o “reconhecimento dos diferentes como existentes”⁴ não segue fluxos lineares, necessita-se de constantes (re)invenções para disputar os terrenos políticos, sociais e culturais conflituosos, que quase sempre são habitados de forma desigual.

Assumir que somos seres históricos e políticos nos relega a condição de força-motriz da transformação, resguardando a incompletude ontológica que nos move, a afirmação de nossos pertencimentos, a totalidade inerente das conexões sociais e o caráter mediado que gira a roda da sociedade. Nesse cenário de possibilidades de fazer-se *com o mundo e no mundo com os outros/as/es*, a educação responsabiliza-se pela formação integral e humana, ancorada nos fundamentos contra-hegemônicos das práticas ético-políticas de existência dos movimentos sociais, se contrapondo, em todas as dimensões, a uma formação bancária, excludente e desigual com estreitas filiações aos interesses de mercado.

Neste volume: DESIGUALDADES, IDENTIDADES, EPISTEMOLOGIAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS, acolhemos pesquisas que investigam as múltiplas dimensões de espaços e tempos educacionais, visando fortalecer epistemologias e práticas que reflitam as relações entre as desigualdades sociais e as distintas identidades dos sujeitos educacionais, bem como os

⁴ ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos. Outras pedagogias*. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

processos de ensino nos quais estão envolvidos. Para isso, recebemos propostas de investigações que questionam as discriminações de classe social, gênero, orientação sexual, raça, etnia e outras, problematizadas em espaços formativos formais ou informais, na educação e no ensino, apresentando resultados e/ou propondo fundamentos teóricos, metodológicos e avaliativos. Assim, na organização do dossiê, optamos por não dividi-lo em partes ou seções por entendermos que as discussões aqui propostas se interseccionam, mesmo em suas diferenças, nas proposições discursivas e nos caminhos epistemológicos escolhidos pelos autores e autoras.

Abrimos o volume com o artigo, de autoria de **Lívia Jéssica Mesias de Almeida** e **Leyla Menezes de Santana**, intitulado *DA CRIAÇÃO À EXTINÇÃO: UM ESTUDO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM FEIRA DE SANTANA-BA*, que analisa os processos de criação e extinção do Núcleo de Educação das Relações Étnico-raciais da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana, na Bahia, no período de 2007-2012. As autoras revelaram em suas análises que o núcleo surge como resposta às reivindicações dos movimentos negros, à Lei nº 10.639/03 e à notificação do Ministério Público, mas ao longo da sua existência, o racismo institucional, a partir da materialidade do não-lugar institucional e da ausência de vontade política, provocou a sua extinção.

O artigo de **Laila Tháise Batista de Oliveira** e **Ludmila Guerra da Silva**, intitulado *PROJETO BENGUELA: EXPERIÊNCIAS DE RAÇA E GÊNERO NA ESCOLA* apresenta o “Projeto Benguela: meninas negras contam suas histórias” que busca contribuir para a desconstrução de preconceitos e incentivar à leitura, à escrita, à pesquisa e à interação entre os/as colegas, numa proposição de novas abordagens a partir de conteúdos africanos e afro-brasileiros junto à comunidade escolar, diante da dificuldade de implementação da Lei nº 10.639/03 nas escolas públicas e instituições de ensino.

No texto seguinte, “POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES ENTRE QUÍMICA E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”, produzido por **Weslei Oliveira de Jesus**, **Cristiane Maria Ribeiro**, **Ricardo Diógenes Dias Silveira** e **Débora Astoni Moreira**, o trabalho investigação é realizado a partir da indagação: “É possível associar a disciplina de Química e as relações étnico-raciais?” Dessa maneira, os autores e autoras identificam as produções científicas que associem o ensino de Química e as relações étnico-raciais no contexto da Educação Básica. Para isso, realizaram um estado da arte com sete artigos publicados na Revista Química Nova na Escola, que indicou a possibilidade dessa associação com base em temas geradores devido à interdisciplinaridade da temática étnico-racial, permitindo trabalhar conceitos químicos, atitudes e valores compromissados com a cidadania.

Logo depois, em *PEDAGOGIA DECOLONIAL: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIAS NEGRAS*, **Josiane Beloni de Paula** e **Elison Antonio Paim** mostram a existência de práticas decoloniais e propositivas de valorização da presença negra no Brasil, denunciando o racismo e anunciando práticas antirracistas na sociedade brasileira. Em seus escritos, o autor e a autora, expressam a escolha por uma metodologia monadológica, realizada a partir da narração de professores das suas memórias e experiências em diálogo com referenciais teóricos para criar outras possibilidades de base antirracista.

A partir da indagação “Como pode a universidade enfrentar às discriminações de gênero?”, **Samilo Takara** e **Fernanda Amorim Accorsi**, em *COREOGRAFIAS DE RESISTÊNCIA: GÊNERO NA EDUCAÇÃO*, contribuem para o desenvolvimento de bases interpretativas e de resistência no campo educacional, principalmente, nos espaços universitários. Nas palavras do autor e da autora, o artigo discute a emergência da educação para as relações de gênero como forma de prevenção das moléstias, que assolam parte da população, cujas identidades têm sido consideradas ataques ao poder e aos privilégios. Para isso, partem de um estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico para defender a ideia central de que trabalhar com gênero e sexualidade na educação é paramentar estudantes para o enfrentamento da cultura da violência de gênero.

Dando abertura para as reflexões de gênero, em *AS VICISSITUDES DA INDECÊNCIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A IMPERIALIDADE DE GÊNERO NA VIDA ESCOLAR*, **Alexandre Manzoni** analisa a reconstrução socioantropológica das conexões entre normas e práticas escolares e seus efeitos nas possibilidades de constituição subjetiva de estudantes, evidenciando moralidades subjacentes em regras e práticas e expor a importância do corpo na escola. Para o autor, a contribuição da investigação se justifica nos estudos de educação pelo modo como elabora seus inventários empíricos, articulando metodologicamente etnografia e análise documental, pelas quais desdobra um estudo de caso sobre gênero. Como resultados são apontados que as condições pelas quais alunos e alunas experimentam relações com o corpo e a sexualidade a partir do gênero, evidenciam, sobretudo, as censuras sobre o feminino.

Logo depois, **Ileana Wenez** e **Mariana Zuaneti Martins**, em *GÊNERO E ETNOGRAFIA: IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA PESQUISAR NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS*, refletem sobre as possibilidades de operar analiticamente com a categoria gênero, na vertente pós-estruturalista, em estudos etnográficos e suas implicações e decorrências para o modo de pensar o fazer científico. Suas investigações destacam o gênero não somente como uma categoria teórica, mas também como uma ferramenta analítica, relacional e não linearizada, que possuem desdobramentos educativos

na organização da cultura e nas articulações de poder. Para as autoras, esses desdobramentos implicam desconstruir essencialidades e uma ideia hierárquica de verdade, natureza e conhecimento. Defendem que o gênero, como uma ferramenta para produzir conhecimento, trata-se de um processo educativo por meio do qual problematizamos a nós mesmas e os modos de fazer pesquisa.

No bojo das discussões travadas neste volume, o artigo TRABALHAR COM VIADAGEM NA ESCOLA, POR QUE NÃO? ANDANÇAS, PERCALÇOS E RESISTÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA, de autoria de **Roniél Santos Figueiredo** e **Marcos Lopes de Souza**, discute as mobilizações e desafios de uma professora da educação básica ao dialogar sobre diversidade de gênero e sexual na escola. No desenvolvimento da pesquisa os autores se ampararam nos estudos pós-críticos e pós-estruturalistas, as coletas das informações empíricas foram realizadas por meio de entrevistas narrativas com a docente e observação participante de suas aulas. Segundo os autores, a professora entrevistada foi instigada a trabalhar com essas questões pelo seu contato com as pessoas LGBTTI+, as inquietações construídas em suas aulas após trazer o debate sobre diversidade de gênero e sexual e os processos formativos em que ela participou. Desafios atravessaram o trabalho de Santos, como a presença do discurso religioso e, em alguns momentos, a falta de receptividade por parte dos/as alunos/as.

Na continuidade, em INTERROGAÇÕES QUEER AO CURRÍCULO: SUBJETIVIDADES, DIFERENÇA E EDUCAÇÃO, de **Robson Guedes da Silva** e **Karina Miriam da Cruz Valença Alves**. O autor e a autora propõem, através de interrogações ao currículo, investigar a relação entre a teoria *queer* e a educação, apresentando a conformação do campo teórico em suas relações e problematizações com a escola. Buscaram pensar nos corpos dissidentes e sua experiência com a escola, apresentando algumas suspeitas sobre a instituição escolar e sua produção de subjetividades. O estudo ainda articula, por meio de uma DISCUSSÃO teórica, ideias ao pensamento que nos favoreçam suspeitar da escola e de sua relação com as diferenças, seus limites e potências.

Nos últimos artigos, temos textos que abordam a potência da decolonização e as questões identitárias nordestinas no contexto escolar, na literatura e na cultura. Em EDUCAÇÃO CRÍTICA EM MOVIMENTO: O POTENCIAL DECOLONIZADOR DO LETRAMENTO, **Ueliton André dos Santos Silva** e **Maria de Fátima Berenice da Cruz** se posicionam a favor de um letramento como um instrumento fecundo no processo de desenvolvimento e emancipação de pessoas por meio das abordagens decoloniais. Essas perspectivas estão presentes nas possibilidades de se produzir formas de resistência acerca da imposição dos padrões comportamentais por meio de uma educação de transformação social, resistência e resiliência.

Logo em seguida, em A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL EM SERTANÍLIAS, **Tatiana Cíntia da Silva** pretende refletir sobre as dimensões da regionalidade a fim de compreender como a Identidade Regional foi construída no livro *Sertanílias: Romance de Cavalaria*, de Elomar Figueira Mello. A pesquisa está preocupada com as fronteiras entre a realidade e a ficção em seus escritos tidos como autoficção. Tais propósitos se certam com das abordagens que ora tendem para o fantástico, para o super-regionalismo, cunhados por Todorov e Candido, respectivamente.

Finalizando este volume, temos a importante reflexão sobre a importância do enredo de samba carioca como uma prática de resistência. Em O SAMBA COMO PRÁTICA CULTURAL E PEDAGÓGICA DE RESISTÊNCIA, **Laís Vianna de Oliveira** e **José Roberto da Rocha Bernardo**, ressaltam a importância do samba como um dos inúmeros legados da afro-diáspora. Os autores examinam como o samba possibilitou movimentos de saberes e de invenção de novas formas de ser, contribuindo para o processo de luta contra o colonialismo e atuando como prática pedagógica e cultural de resistência a partir dos estudos de Alcoff e Ribeiro. O artigo também apresenta um histórico do surgimento do samba e seu caráter pedagógico.

Portanto, o conjunto de artigos apresentados neste volume é revelador de compreensões múltiplas, complexas e dialógicas da realidade, trazendo à baila a pluralidade e a diversidade das epistemologias, das práticas e dos sujeitos que habitam os territórios da educação e da cultura brasileira. Assim, as narrativas analíticas empreendidas questionam as bases das discriminações e das desigualdades, ao tempo que apontam para (re)criação de alternativas insurgentes de enfrentamento/resistência através de reflexões desestabilizadoras sobre os lugares da pesquisa e dos sentidos do conhecimento.

Destacamos mais um ano de compromisso com a divulgação da pesquisa na área de ciências humanas, mesmo em tempos de pandemia, e de tão poucos recursos destinados a nossas pesquisas, continuamos resistindo. Os temas divulgados neste volume são muito caros para novas configurações sociais com base nos Direitos Humanos. Por último, agradecemos aos colaboradores por escolher nosso período para divulgarem suas pesquisas e pela gentileza de cederem seus textos para o repositório da **Revista Fórum Identidades**, possibilitando a divulgação aberta aos pares de seus trabalhos engajados com uma sociedade mais justa e igualitária para todos(as).

Itabaiana, 20 de dezembro de 2020.